

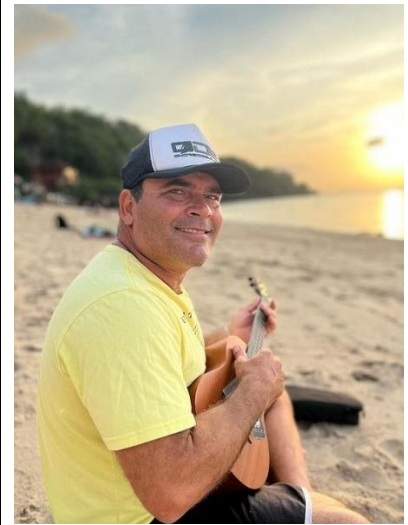
Guerra da Ucrânia, chuva no Rio de Janeiro e cachorros malucos da Bahia.

(Tributo a Márcio Freire)

Angelo Bernardo M. Offen

[Cientista Social e das Humanidades - Algarve / Portugal]

Ora, pois, que eu estava como um perdido em mares descobridores. Talvez a passar no Cabo das Tormentas. Talvez, camuflado, numa das naves de Cabral. Mesmo passeando por tantos mares, faz muito tempo que não navego por aqui. A guerra da Ucrânia, que não é da Ucrânia, é da Rússia, tomou-nos a todos europeus com sobressalto. Apesar da distância entre Lisboa e Kiev (4.100 km) ser muito inferior à distância entre Lisboa e minha amada cidade do Rio de Janeiro (7.700 km), não consigo chegar próximo do frio de Kiev. Mais valha-me o calor do Rio de Janeiro, apesar da distância exagerada. Esta guerra amaldiçoada na Europa, como um Brasil amaldiçoado por Bolsonaro, parece jogar xixi e cocô em nossas cabeças quando não havia banheiros em Lisboa e no Rio de Janeiro. Algumas damas e raros cavalheiros ainda gritavam: *Lá vai merda!!* Lembro-me que da última vez que fui no Rio de Janeiro, chovia. Estava eu com um amigo a caminhar fugindo da chuva numa calçada esburacada quando meu amigo falou: *Cuidado com o ônibus!!* ... Encharcado da cabeça aos pés, entendi vários significados: a cidade que chove e não escoia a chuva; o motorista que, sabe-se lá se por raiva ou distração, passa na poça para, entrementes, molhar o transeunte; o amigo brasileiro que tenta salvá-lo; a cidade que no dia seguinte volta a ser maravilhosa; e, finalmente, tomar um chopp com a roupa encharcada. Já em Kiev, se lá eu estivesse como voluntário para lutar contra o genocídio e a covardia, eu teria mais medo do que no Rio de Janeiro. Neste último a bala perdida, em Kiev o míssil russo direcionado para as cabecinhas dos inocentes... velhas, crianças, padeiros, enfermeiras, médicos, carteiros, bombeiros, vizinhos, filhos, avós, professoras.... Mas eu estou cá não para falar sobre isso. Apenas toquei nisto por força da aflição que essa guerra estúpida nos causa aqui na Europa. Perdoem-me. Cá estou para falar de um amigo. Não desses amigos que tu moras junto, troca cuecas, oferece-lhe a última lambadita de manteiga para o pão. Cá estou para falar de um brasileiro que se estive com ele uma ou duas vezes foi pouco para a estatística mas muito para o carinho. Morreu. Morreu nas ondas que amo, mas como surfista, nunca tive coragem para cavalgá-las. Lamento falar de morte, desde a última vez em que cá estive e dela falei, mas falar de morte é falar de vida. Numa noite de lua cheia, na praia de Nazaré, onde ele hoje buscou outros caminhos, eu estava lá a me encantar com uma linda gaja quando lá pelas tantas alguém se aproximou e m'ô disse: este é o Márcio Freire, baiano, brasileiro, cavalgador de ondas gigantes. Acho que era 2011/2012, nem lembro, quando o mundo era melhor. É o que acho, embora eu me ache um desiludido de mim mesmo em matéria de datas da marcha da humanidade. *Mad Dogs* era um trio de brasileiros da Bahia: Márcio, Danilo e Yuri que enfrentavam as ondas gigantes, onde quer que elas estivessem para fazer jus ao seu apelido de Cachorros Malucos. Na época em que colocavam sua maluquice em prova, não havia jet-sky como salvaguarda de salvamento, tampouco coletes infláveis. Agora os há, mas mesmo assim Márcio morreu hoje, dia 5 de janeiro de 2023. *“Depois da ralação eu ia pegar onda...”* ele dizia, depois de viver de tudo menos do surf (lavando pratos, construção civil, jardinagem etc...) nas ondas gigantes em Maui, no Havaí. Na época não havia o *free surf* ou *big surf*, esse que navega ondas montanhosas. Márcio dizia: *“Nunca vivi do surfe, nunca ganhei dinheiro com surfe. Eu tive pouquíssimas vezes, contadas no dedo, dinheiro que veio do surfe (...). Eu não me arrependo disso, não corri muito atrás de patrocinadores. Tenho orgulho, porque consegui fazer tudo por mim mesmo, sem depender de ninguém. Trabalhei com tudo no Havaí, lavador de louças, em construção, jardinagem, vendedor de frutas. Quando chegava em temporada de ondas gigantes, largava tudo. Aí conseguia conciliar.”*



Hoje, 05/01/2023. Ao ouvir sua entrevista no site brasileiro [Let's surf](#), me vi envolto nas lembranças de Nazaré, ainda menino, já apaixonado pelo surf, paixão que me acompanha até hoje. Quando vi aquelas ondas gigantes decidi que eu teria que buscar outro destino, sem deixar de amar o surf. Aquela gigantesca força da natureza me encheu de medo. Cada desafio que vai nos pegando pelas ladeiras dos bairros altos da vida sempre há de nos causar um certo medo - o primeiro beijo, o primeiro concurso, a primeira aula, o primeiro filho, a primeira perda... Mas há de ter e assim o há pessoas que, frente aos grandes desafios, transformam o medo em chance de vitória. Em glória de se fazer feliz fazendo aquilo. Mesmo que isso não lhe dê dinheiro ou fama. Como era o caso de Márcio. Aqui em Portugal quando vemos um cachorro vadiando em alguma rua, ao olharmos para sua face, a depender do brilho dos olhos e se está a babar, logo dizemos: *“cuidado pode ser um cachorro louco!”* Como sabeis, a raiva humana, doença incurável, é transmitida por cachorros - sejam malucos, loucos ou doidos - mas sempre com raiva. Márcio Freire era um cachorro maluco que jamais teve raiva. Sempre teve amor pelas ondas gigantes, mesmo sendo levado por elas...

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.